

Brasil só volta a crescer no segundo trimestre de 2002

Denise Neumann

De São Paulo

A economia brasileira só voltará a crescer no segundo trimestre de 2002, pois os efeitos negativos da crise de energia, do aumento dos juros e das incertezas provocadas pela situação Argentina ainda não acabaram. Essa avaliação sombria dos próximos meses foi feita, ontem, pelo sócio-diretor da MB Associados, José Roberto Mendonça de Barros, durante almoço promovido pela Câmara de Comércio Brasil-Canadá.

"A economia deu uma violenta freada. A queda que observamos não tem paralelo com outros momentos", argumentou. Mendonça de Barros acredita que as empresas vão começar a demitir e o resultado será uma queda de 3% na massa salarial de 2001 em relação a média do ano passado. "Ainda não vimos tudo, as empresas primeiro cortaram hora-extra e depois adotaram férias coletivas. Agora está chegando o ajuste no contingente de funcionários", avaliou.

O ex-secretário da Câmara de Comércio Exterior (Camex) baseia a estimativa de que o ajuste ainda será feito no tamanho dos estoques. "O setor automobilístico encerrou julho com 250 mil veículos em estoque quando o normal são 110 mil carros", ponderou. Pelas suas projeções, o Produto Interno Bruto (PIB) cres-

cerá apenas 1,6% no ano. Isso equivale a um crescimento de PIB nulo no segundo semestre e negativo para a indústria.

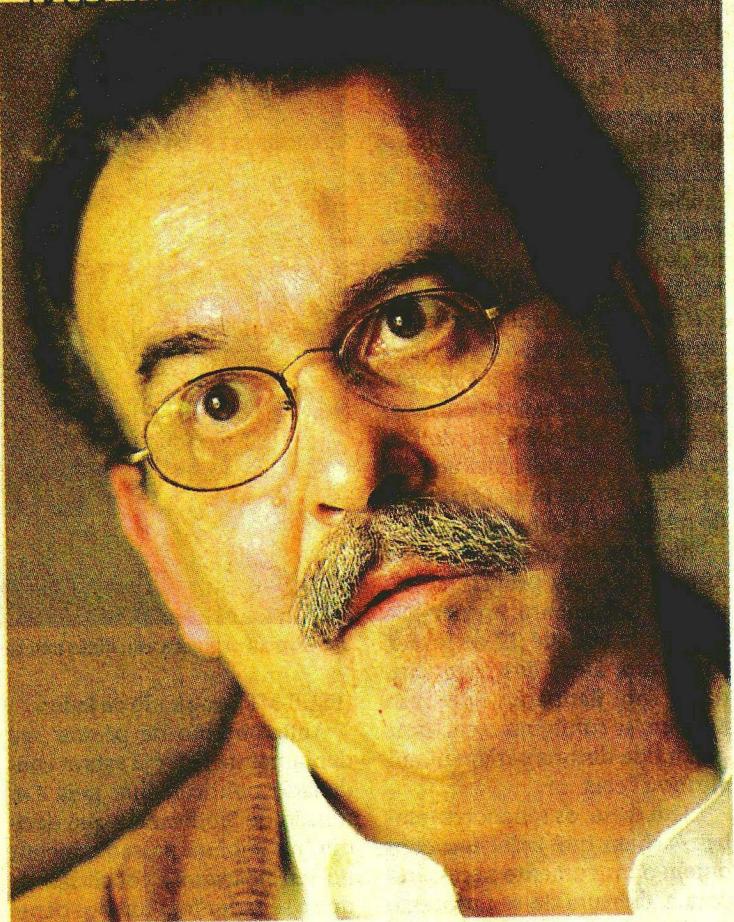
Mendonça de Barros acredita que a inflação do ano medida pelo IPCA ficará muito próxima de 6%. "As chances de atender a metade de 6% ser cumprida são maiores do que parece, pois não há mercado para repasse de preços", afirmou. Ele comparou a reação da população ao anúncio do racionamento a um movimento exatamente inverso ao dos Planos Real e Cruzado, quando toda a população aumentou seu consumo imediatamente. "Agora, todas as famílias cortaram consumo antecipadamente".

Convencido que o aumento dos juros foi overdose — e resultado de um erro de avaliação do Banco Central que estimou que o choque de oferta provocado pela crise de energia viria antes da queda na demanda e por isso era preciso agir para frear o consumo — Mendonça de Barros avalia que 2002 continuará marcado por forte volatilidade do câmbio — influência da situação argentina e pela eleição presidencial. Ele projeta alta de 2,6% no PIB do próximo ano.

A Argentina, avalia, está em um caminho sem volta e ele não vê saída dentro do atual modelo econômico. Na sua opinião, o recente pacote de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao país vizinho

Economia Brasil

PAULO GIANDALIA/VALOR



José Roberto Mendonça de Barros, da MB Associados: "Ainda não vimos tudo"

nho "é um balão de oxigênio que não vai durar muito". "Ele não mudou a direção da economia vizinha, que continua na direção de uma batida no muro", ponderou. Quando a Argentina "bater no mu-

ro", disse, haverá um estresse na taxa de câmbio brasileira, que poderá ou não ser seguido de outras medidas do BC, como alta de juros. "Mas esse estresse vai durar pouco, um ou dois meses", estimou.